

Mas estas observações são inúteis, porque é precisamente da França que exemplos muito claros de uma implementação da "informalidade" e da ação direta generalizada têm vindo nos últimos anos. Notícias de ações vindo da sua parte do mundo nos alcançam constantemente (mesmo dentro destas quatro paredes), dando-nos ideias e alimentando nosso entusiasmo.

Concluo este discurso dizendo-lhes que até na Itália existem depósitos de resíduos nucleares dispersos, nos últimos anos o Estado decidiu reuni-los todos em um único local. No passado, houve tentativas de interromper o transporte de resíduos, por exemplo, na região de Val di Susa, os resíduos vinham da França. Estou convencido de que o exemplo de vocês também será importante para nós. Está claro para todos que esta é uma luta pela sobrevivência não apenas de nossa espécie, mas da própria vida do "nosso" planeta, pois a natureza está em perigo de ser "monstrificada" dia após dia. A ciência e a tecnologia nuclear estão perturbando a ordem caótica da natureza a partir de seus fundamentos. Não temos muito tempo e se realmente quisermos mudar as coisas e reverter este processo autodestrutivo. Não devemos, e acima de tudo, não podemos pôr limites à ação, devemos superar medos e escrúpulos e ir em frente.

Alfredo Cospito

Fevereiro de 2020

Contribuição na Ocasão das 3as Jornadas anti-carcerárias de Bure (2-8/03/2020)

No texto seguinte, embora a iniciativa de vocês seja uma iniciativa anti-carcerária, mencionarei apenas brevemente minha situação atual como prisioneiro anarquista. Por duas razões: a primeira é que não quero perder a oportunidade de me expressar sobre a luta de Bure, sabendo que muitos de vocês participam desta luta e que eu a sinto minha assim como todas as lutas contra o monstro nuclear.

A outra razão é que quero sublinhar o fato de que quando um de nós se encontra dentro, a melhor maneira de resistir é continuar as lutas pelas quais se encontrou "acorrentado" e vocês me dão esta oportunidade. Eu não sei muito sobre a situação da luta carcerária na França. Então eu poderia estar falando bobagens, é por isso que estou juntando a minha contribuição para uma reunião anti-carcerária que está acontecendo nestes mesmos dias em Nápoles, Itália, talvez as coisas não sejam tão diferentes no meu país e as mesmas considerações (com a distinção dos fatos) também possam se aplicar a vocês. Muito obrigado por esta oportunidade que vocês estão me dando.

É uma grande honra para mim (terrorista anarquista atualmente detido em uma cela prisional italiana) contribuir escrevendo (embora modestamente) para a luta de vocês, que eu também sinto minha. Deixem-me começar por me apresentar: há 8 anos eu atirei nas pernas do CEO da Ansaldo Nuclear, construtor e engenheiro de usinas nucleares. É bom saber que a Itália, mesmo que não tenha usinas nucleares, as exporta com toda tranquilidade para países como Romênia, Croácia, Albânia... O objetivo desta ação era revitalizar o movimento anti-nuclear na Itália, dando uma aceleração agressiva à luta contra o sistema tecnoindustrial. Com uma ação " impactante",

queríamos mostrar que os anarquistas poderiam atacar no "púlpito vivo" um dos principais responsáveis pelo renascimento da energia nuclear no "nosso" país. Por uma vez, não nos "limitamos" a uma ação destrutiva apenas contra as coisas, mas fomos em outra direção, atingindo diretamente os responsáveis pela destruição do "nosso" planeta. Nós reivindicamos esta ação com a sigla "Núcleo Olga (FAI-FRI)".

Queríamos tornar as diferentes perspectivas evidentes em sua viabilidade e estimular uma maior abertura para as diferentes formas e práticas da ação ecológica anarquista. Rejeitar o tabu de que somente ações contra as coisas poderiam ter uma justificativa.

Desafiar a absurda crença na inviolabilidade absoluta da vida humana, mesmo a daqueles que, em nome da ciência do progresso, cometem massacres. O objetivo só foi atingido marginalmente (mesmo que tenha feito muitos companheiros pensar) porque a prática da ação "multiforme" ainda não foi totalmente compreendida (pelo menos aqui na Itália) e praticada em todo seu potencial, e porque ainda existem muitos preconceitos. Muitas pessoas vêm (ainda hoje) uma oposição entre ações reivindicativas e não reivindicativas, entre bloqueios "pacíficos" e confrontos de rua, entre ataques às pessoas e ataques às coisas, entre o uso de acrônimos persistentes para dar continuidade (como FAI-FRI) e acrônimos temporários... Poucas pessoas percebem que todas essas práticas têm sua própria razão, seu próprio objetivo específico e não estão necessariamente em conflito umas com as outras. E em algumas situações (como em Bure), se forem praticadas sem preconceitos, complementam-se e se tornam realmente eficazes, devastadoras e desorientam o poder. Isso, claro, se não se invoca a "excomunhão" quando uma ação vai mais longe, batendo com mais força. Isto são todas as práticas que, se forem seguidas em paralelo, sem

se contradizerem ou se oporem, podem fazer a diferença, alcançar o objetivo. A ausência de qualquer uma destas práticas enfraquece a força de todas elas. O importante é que elas contêm a rejeição de toda forma de contaminação institucional, caso contrário torna-se uma aceitação do sistema, apenas paliativos contraproducentes. Uma luta específica em um território circunscrito como o de "Bure" pode ser reforçada não apenas por ações no resto do país, mas ainda mais longe.

Basta pensar neste tipo de "internacional anarquista" que, sem precisar de uma organização centralizadora, tem provado repetidamente que tem a força para apoiar "nossas" lutas de fora (dos quatro cantos do mundo). Nunca me cansarei de dizer, correndo o risco de me tornar repetitivo, que nós anarquistas temos uma arma poderosa de extraordinária eficácia em sua simplicidade: o "grupo de afinidade". Compas ligad@s por profundo afeto e confiança que decidem agir, atacar para voltar com segurança, e depois para atacar novamente. O "grupo de afinidade" quando ele se torna um "grupo de ação encontra seu significado mais forte em ações ilegais, destrutivas e arriscadas.

Estes grupos não dependem das assembleias plenárias, eles são algo mais, eles não têm nada a ver com a organização, eles vivem de ações libertadoras, destrutivas e podem se tornar realmente perigosos para a sistema. Especialmente quando não incluem desprezo ou superioridade para com as pessoas e suas assembleias de luta. Quando a ação individual ou pequenos grupos não é antagônica à luta "popular", ela a reforça, ela a empurra ainda mais longe. A ação violenta e armada é apenas uma (importante) parte da vida de um anarquista, e não há nada de contraditório em se encontrar depois de ter agido ao lado do "povo" em uma assembleia para dizer sua opinião, ou em cima de uma barricada ou num bloqueio de estrada, a única coisa *a priori* a ser evitada é o diálogo com as autoridades, com as instituições.